



X SEL - Seminário de Estudos Literários  
UNESP - Campus de Assis  
ISSN: 2179-4871  
www.assis.unesp.br/sel  
sel@assis.unesp.br



## COTIDIANO FEMININO DESCRITO EM OBRAS DE ORLANDA AMARÍLIS E IVONE AÍDA RAMOS

Jussara de Oliveira Rodrigues (Mestranda - USP)

**RESUMO:** Por meio da análise da representação do papel social da mulher em Cabo Verde, esta pesquisa identificará as semelhanças ou diferenças no cotidiano das personagens femininas nos contos: “Esmola de Merca” que pertence à coletânea *Cais-do Sodré Te Salamansa* (Orlanda Amarílis, 1974) e “Sábado Nossa Senhora” que pertence à obra *Vidas Vividas* (Ivone Ramos, 1926). Considerando os pressupostos teóricos da hermenêutica do cotidiano, identificaremos as singularidades do cotidiano feminino cabo-verdiano descrito pelas autoras. Note-se que as descrições de Ivone Ramos, que escreve com os pés fincados na ilha, e as de Orlanda Amarílis, que vive a diáspora, confluem em várias partes no ato de construção da “maneira de ser” das mulheres cabo-verdianas.

**PALAVRAS-CHAVE:** cotidiano; mulher; diáspora.

### 1. Cotidiano feminino descrito em obras de Orlanda Amarílis e Ivone Aída Ramos

*Uma vez que o cotidiano pode ser encarado como fio condutor do conhecimento de uma sociedade, neste sentido ele dá-nos conta dos múltiplos elementos que constituem a trama dessa realidade social, porque nele estão presentes todos os aspectos mais evidentes e significantes, como elementos indispensáveis para que a mesma seja compreendida nas suas diversas vertentes*

João Lopes Filho

Por meio da análise da representação do papel social da mulher em Cabo Verde, este trabalho identificará as semelhanças no cotidiano das personagens femininas dos contos: “Esmola de Merca” que pertence à coletânea *Cais- do- Sodré Té Salamansa* (Orlanda Amarílis, 1974) e “Sábado Nossa Senhora” que pertence à obra *Vidas Vividas* (Ivone Aida, 1990).

Considerando os pressupostos teóricos da hermenêutica do cotidiano que por meio “de focos narrativos procura historicizar aspectos concretos da vida de todos os dias dos seres humanos – homens e mulheres – em sociedade” (DIAS, 1994, p.347), identificaremos as

singularidades da rotina feminina cabo-verdiana descrita por cada autora. Notou-se que as descrições de Ivone Aída Ramos, que escreve com os pés fincados na ilha, e as de Orlanda Amarílis, que vive a diáspora, se confluem no ato de construção da "maneira de ser" das mulheres cabo-verdianas.

O tema central dos contos envolve mulheres excluídas, especificamente idosas, que vivem à margem da sociedade. Em suas conversas que costumam as narrativas, a miséria material e também a pobreza são denunciadas em suas descrições. Reflitamos com Carlos Sangreman Proença:

Cabo Verde é um país em transição com bastante sucesso de um nível mais baixo de desenvolvimento para outro mais alto. Como consequência encontra-se na situação de ainda ter muitos problemas de pobreza mas, provavelmente, já começa a conter no seu tecido social os germes da exclusão social, fazendo um processo muito idêntico ao dos países europeus (PROENÇA, 2009, p.90).

No arquipélago, idosos com mais de 60 anos, inativos, sem segurança social, com famílias muito pobres, compõem as vítimas pacientes do contexto que compreende a exclusão social. Por isso a ajuda que vem de além mar é rotineira e dela todos tiram proveito: os necessitados e os gananciosos. Devido à seca que atinge o país por prolongados períodos, muitos habitantes optam pela emigração, e o dinheiro ou as esmolas enviadas pelos patrícios que vivem no exterior, constitui um importante suporte econômico para as famílias da ilha. Nos dois contos estes aspectos são evidenciados. Em "Esmola de Merca", de Orlanda Amarílis:

Toda a gente no meio da cidade sabia. O vapor havia de chegar mais dia menos dia. No pelourinho, na Praça Nova, na igreja, nos passeios da noitinha, não havia outra conversa. No Grémio, à hora da canasta, já tinham falado nisso. Mimi Costa na loja de nhô Afonso até tinha afirmado: ia arranjar um fato de banho no meio daquela esmola de merca. Nhô Afonso ficara a ver sério para ela, e de boca aberta, porque Mimi Costa não tinha precisão de esmola de Merca (AMARÍLIS, 1974, p.51).

No caso de Ivone Aída Ramos, "Sábado Nossa Senhora":

– Oh Canja, e o teu filho, aquele que foi para a Holanda?  
– Não me falem naquele desgraçado. A princípio, mandava uma coisinha, mas desde que ele se casou com aquela maldita, nunca mais me deu nada e eu ando nesta vida de miséria (RAMOS, 1990, p.63).

De acordo com Simone Caputo Gomes em "Literopintar Cabo Verde: a criação de autoria feminina", em Cabo Verde fatores econômicos, sociais, culturais e a emigração masculina impactam diretamente a fragilidade da família, com consequente instabilidade da mulher e dos filhos menores. Cerca de 60% da população crioula é feminina, sendo 33,5% constituída por famílias chefiadas por mulheres. Por conseguinte, o investimento na promoção

da condição feminina tem efeitos multiplicadores que se estendem da família à nação. (GOMES, 2008, p.57)

Logo, torna-se evidente a importância da atuação feminina na construção da sociedade, bem como na manutenção de sua cultura. Nesse contexto as mulheres mais velhas deveriam ser ainda mais assistidas, pois após uma vida de contribuições à pátria, o mínimo esperado seriam condições básicas e decentes de sobrevivência.

Os signos comunitários compartilhados pela nação cabo-verdiana - entendida no sentido antropológico desenvolvido por Benedict Anderson em *Nação e Consciência Nacional: a nação como comunidade política imaginada*, em que se desconsidera a desigualdade e a exploração, isto é, as diferenças internas, em favor de um companheirismo profundo e horizontal – são uma espécie de extensão dos laços de parentesco, tendo como base um sentimento de fraternidade, sem que as pessoas necessariamente se conheçam.

### 1.1 “Esmola de Merca” – Orlanda Amarílis

As personagens femininas de relevo neste conto são: Titina, Bia Sena, Julinha, Madrinha, Nhá Quinha, Nhá Luzia e Mam Zabêl. O conto se dá em dois espaços: o quarto de Titina na casa de sua Madrinha e a Administração, onde as esmolos eram entregues.

Titina morava com a tia e a madrinha. Devido a sua cômoda situação econômica, não necessitava de esmolos para sobreviver, fato que lhe permite uma consciência política mais ácida e crítica sobre a ajuda vinda da América. Certa vez até escreveu um artigo sobre a emancipação da mulher para o jornal dos rapazes do liceu. Em sua figura observamos o discernimento e oposição à situação dos pobres no país, bem como traços da emancipação da mulher.

A voz enchera-se-lhe de quentura e Titina espiava-a divertida. Tanto se lhe dava a esmola dos patrícios da América ou não.

Isto não vem remediar nada, pensou olhando pra além da madrinha. [...]

Nem chega a ser um remendo, pensou ainda. Os patrícios de Lisboa também mandam roupas usadas, calçado pão seco. Senhores, até mandam pão seco para a nossa gente amolecer em água e enganar a fome (AMARÍLIS, 1974, p. 51).

Na casa de Titina as mulheres pareciam gozar de uma boa condição social, sua Madrinha não admitia que as comparassem com o povo que esmolava. Sua tia Nhá Quinha havia tido boa vida antes de o marido partir clandestinamente no vapor grego e isso dava-lhe o direito de não ser comparada com as outras “mulheres sós”, pobres da ilha.

O ato de entrar na fila para receber a esmola era humilhante para essas personagens (Titina, Madrinha, Nhá Quinha e Nhá Chica), o que nos permite concluir que há uma resistência em aceitar a situação provocada pelo contexto de seca/fome, agravado pelo abandono colonial.

Se puderes, arranja uma saia e mais qualquer coisa pô Nhá Quinha [...]  
– Se ela fosse lá, seria melhor. Sempre podia escolher mais à vontade. A madrinha olhou para ela com ar reprovativo como se ela tivesse dito um despropósito. Deu alguns passos até o meio do quarto. “Ir para a fila? » censurou-a « Meter-se no meio do povo? (AMARÍLIS, 1974, p.52)

As mulheres mais velhas e miseráveis: Nhá Luzia “... *mulherona de cabelo inchado. Só se penteava com pente de pau de laranja para lhe acalmar as dores de cabeça de que sofria desde menina*” (Ibidem, p. 50), aproveitava-se sem necessidade e entrava sempre na fila das esmolas, fato que demonstra sua pobreza de espírito e ganância. Representa as mulheres comerciantes, apesar de apresentar-se “suja e desmazelada”, mantinha um botequim emporcalhado de onde tirava o seu sustento.

Mam Zabêl, idosa que morava na cambota, sofria muito com o frio e depositava toda sua esperança em receber de esmola um casaco da América, para combater “o vento Lazareto [que] furava a pele e trespassava uma criatura de Deus” (AMARÍLIS, 1974, p.55). A tragicidade do conto evidencia-se nessa personagem, pois seu desespero era tanto para proteger-se do frio diário que acaba por se machucar na ânsia de conseguir o casaco desejado:

Mam Zabêl sentiu um frêmito ao vê-la [Nhá Joaninha]. Quase correu. Furou onde podia, esquecendo-se do bordão, onde se amparava. Tropeçou, entretanto, e caiu de bruços, mesmo junto à casota. Um grito elevou-se da pequena multidão e duas mulheres a ajudaram-na a sentar-se. Um fiozinho de sangue na boca... Arranja-me um casaco de Merca... Um chorinho manso não a deixou continuar... acorada perto da casinha, parara de chorar e pegara no sono... enrodilhada sobre si mesma, tinha batido com a cabeça contra o cimento. Parecia um novelo escuro e sujo atirado para ali (AMARÍLIS, 1974, pp. 56-59).

Julinha e Bia Sena eram mulheres mais novas e trabalhavam para o administrador na entrega de esmolas. Julinha e o administrador tinham um “caso”, fato este, que deixava perplexa e indignada Titina, pois desconfiava que ele fosse casado. A figura do administrador traduzia a invasão dos estrangeiros na ilha. “Mondrongo, alto e forte”, ele encantava as mulheres mais novas.

De semblante deslavado, desceu os últimos degraus e aproximou-se delas com o ar comprometido... Sim senhora, Julinha saíra-lhe uma refinada desavergonhada. Desavergonhada, pois. Estivera metida com aquele nhambabo lá em cima. Aos beijos, com certeza. Pois claro. Ela não trazia nem sombra de pó-de-arroz nem de bânton (AMARÍLIS, 1974, p. 59).

Estar com o administrador, para a Julinha, era sinônimo de ascensão. Nessa relação, a mulher é "usada" para o prazer do administrador. Assim como os recursos naturais são explorados pelos estrangeiros, os recursos humanos são tratados com o mesmo valor.

Aquele administrador era um bom ponto. Mondrongo, tinha mania de impor bons costumes. De portas a dentro, porém mantinha aventuras bastante dúbias (AMARÍLIS, 1974, p. 51).

A pobreza, miséria, ganância e a marginalidade, juntamente com mulheres independentes, bem sucedidas, habitavam o cotidiano feminino descrito por Orlanda Amarílis. Por meio de características individuais a autora delinea a situação geral das mulheres no espaço cabo-verdiano. Abdala Jr. afirma:

Sua óptica [de Amarílis], entretanto, não deixa de ser de "gênero": da maneira equivalente às produções paradigmáticas desse movimento estético-ideológico, que procura o geral através do particular, a nação através da região, o coletivo através do individual em tensões que se pretende sejam problematizadoras, Orlanda Amarílis vê seu povo de migrantes através da mulher – da adversidade de sua condição olha para uma adversidade mais geral (ABDALA Jr., 1989, p. 88).

Entre mulheres novas, velhas, famintas e sedentas de cuidados, a rotina do cotidiano feminino se constrói em uma repetição de atos mecânicos em busca do saciar da fome do corpo e do espírito.

## 1.2 – "Sábado Nossa Senhora" - Ivone Aída Ramos

Ivone Aída Ramos contextualiza a vida das mulheres cabo-verdianas neste conto. Expõe personagens sofridas, por vidas mal vividas, e que ainda buscam um horizonte feliz. A condição precária do saneamento básico na ilha é denunciada pela autora na descrição dos espaços habitados por algumas personagens.

[...] Os casebres feitos de tambor, aqui, ali, ao acaso, deixavam ver a miséria do pequeno bairro de lata. Cabras passeavam, comendo bocados de papelão sujo. Cães vadios ladravam aos que passavam e volta e meia um ponta-pé certo, atira com um deles para o largo, de onde se afastam ganindo. O lixo pelos cantos e arredores dos casebres acumulavam-se; as moscas pousavam nele e esvoaçavam acto contínuo, para pousarem de novo (RAMOS, 1990, p.69).

Diante de uma vida tão miserável, falar mal da vida de outras pessoas também fazia parte da rotina diária das mulheres. Apesar da valorização da sabedoria dos mais velhos e o reconhecimento da importância da oralidade, as idosas pobres permaneciam excluídas vivendo à margem, em condição de miséria.

As personagens femininas relevantes nesse conto são: Nhá Joana, Comadre Chica, Canjinha, Deolinda, Bia, Tatanha e Ninha. Nhá Joana uma senhora de sessenta e quatro anos, de aparência desgastada, rabugenta, invejosa e com dificuldades de audição. Sua descrição física demonstra a miséria em que vive:

A blusa muito velha, esburacada, suja e sebenta, cobria-lhe o peito magro e escamoso. Um lenço desfiado tapava-lhe carapinha cor de terra, deixando ver os fios prateados nas têmporas e atrás do toutiço. A cara macilenta de olhos encovados, nariz achatado e lábios grossos descaídos, dentes amarelos, os poucos que possuía (RAMOS, 1990, p. 62).

Considerando suas características físicas atuais e suas lembranças, percebe-se a metamorfose em seu corpo: "[...] Oh menina, estou-me lembrando da minha mocidade. Eu era bonita, preferida, oh lê, lê!" (RAMOS, 1990, p.62)

O retrato feito pela autora dessa personagem enquadra-se na afirmação de Simone Caputo Gomes:

O trabalho dos textos cabo-verdianos de autoria feminina se dá sob a ótica de um outro tipo de deslocamento, que eu chamaria já de segundo grau, recusando o prestígio da visão eurocêntrica e masculina da imagem da Vênus clássica que o Guarda Tói traz da intelectualidade do Mindelo e fundando cada vez mais as mãos e os pés na referencialidade cabo-verdiana das Vênus "vulgares", cotidianas, protagonistas da "margem da margem", enfocadas por um olhar feminino (GOMES, 2008, p.32).

Torna-se evidente a influência da situação social na transformação do corpo e da mente dessas mulheres sofridas.

Comadre Chica de sessenta e seis anos compartilhava do mesmo humor da amiga (Nhá Joana). Rabugentas, as duas velhas eram "os flagelos da vizinhança com as suas críticas mordazes às moças e mulheres casadas". Considerando a importância da sabedoria dos mais velhos, reconhecida na sociedade de Cabo Verde, as duas senhoras falavam sem pudores das atitudes das mulheres mais novas.

Já Canjinha era doente de um olho e usava um cajado. Praguejava seu filho por parar de lhe mandar esmolas depois que se casara, - conforme uma de suas falas acima transcrita deixa ver. O excerto também aponta para mais um exemplo da importância da ajuda enviada pelos parentes emigrados.

Lembramos que, por sua posição geográfica, a meio caminho da América do Sul e da Europa, o arquipélago de Cabo Verde foi importante escala em rotas aéreas e marítimas; e por isso seu porto era frequentado por muitos estrangeiros. Logo, o enredo do conto gira em torno da personagem Tatanha, velha andrajosa, desconfiada e religiosa. Tatanha recebe uma "lotaria",

ou seja, "cinquenta dólla" de esmola de um estrangeiro, e isso causa grande curiosidade e inveja nas outras velhas.

Era a Tatanha; apesar de pressa, não podia andar muito. Tinha um pé envolto em ataduras, uma ferida de mais de vinte anos, incurável, que exalava um cheiro nauseabundo, e impedia-a de andar mais ligeira... (RAMOS, 1990, p.66).

O estrangeiro, compreendendo essa linguagem muda, meteu a mão na algibeira e retirou algo que colocou na mão de Tatanha, que ela acto fechou... É uma nota de cinquenta dollars! Tatanha arregalou os olhos. – D'véra senhor Mario? (RAMOS, 1990, p.67).

O trágico aparece na desavença entre as três velhas: Nhá Joana, Chica e Canja devido à inveja que sentiram de Tatanha, por ter recebido a valiosa esmola do homem estrangeiro. A situação de miséria eliminou até o bom humor daquelas mulheres, pois simplesmente por ser contrariada, diante da ironia das amigas, Joana as agride:

Chica e Canja riram-se da idéia de Joana. As bocas desdentadas abriram-se num esgar de riso trocista, irritante... Joana furiosa com a troça das duas velhas, desanca nas duas com o pau de vassoura. Gritos ressoam e um fio de sangue escorre pelas faces das duas velhas. (RAMOS, 1990, p.72)

A "milícia" rapidamente leva a agressora e as agredidas ao "posto de socorro". Curiosamente esse fato propicia uma reflexão: as velhas, ao invés de buscar estratégias maliciosas para receber mais esmolas, poderiam cobrar melhorias aos responsáveis políticos da região, com a mesma prontidão com que a "milícia" combate a desordem.

De acordo com Maria Odília Leite da Silva Dias: "Através de focos narrativos, a hermenêutica do quotidiano procura historicizar aspectos concretos da vida de todos os dias dos seres humanos – homens e mulheres – em sociedade" (DIAS, 1994, p.377). E esta narrativa sem dúvida pontua uma série de mulheres diferentes, que compõem um espectro da sociedade cabo-verdiana. Ninha, a personagem mais velha: setenta anos era gorda e "espertalhona", acomodada pedia esmola por natureza. O ato de esmolar torna-se como uma profissão neste caso:

Iniciou-se neste mister de esmolar desde nova. Preguiçosa por natureza, acabou por decidir a pedir esmola. Era mais fácil pedir aos ricos, dizia, do que trabalhar. Eles tem muito e podem dar aos que nada têm. E assim, assumindo um ar de fome, embora gorda, andava pelas ruas de morada, roupa andrajosa a cobrir-lhe as banhas, cabelos despenteados, olhar triste e suplicante. Puxava as pessoas pelas roupas ou batia-lhes no braço para chamar a atenção: - Senhor , senhora, bocê dá-me cinco tostões. (RAMOS, 1990, p. 71)

Considerando todos os aspectos descritos, encontramos mais semelhanças do que diferenças entre as narrativas de Orlanda e Ivone no que diz respeito ao cotidiano feminino.

Orlanda produz uma literatura de migrante-mulher, repartida entre o espaço lisboeta e a Terra mãe. Contudo suas percepções são fiéis ao momento vivido por suas personagens.

Podemos perfeitamente traçar um paralelo entre as personagens dos contos, como se uma fosse parte do outro. Veja a descrição das velhas em cada conto:

Um cheiro forte a urina tresandava. Algumas delas, cabeça pendida sobre o peito, braços descaídos, segurando-se a um pau que lhes servia de bengala esperavam pacientes (RAMOS, 1990, p. 64).

Na sua maioria eram mulheres velhas, andrajosas, de olhos encovados e cabelo engasgado pelo pó e falta de pente, escondido debaixo do lenço vincado de tanto uso. Parte delas viera arrimada ao seu pau de laranjeira, desde a Ribeira Bota, a arrastar os pés descalços e gretados até ao meio da morada (AMARÍLIS, 1974, p.53)

Os espaços descritos, bem como sua higiene, apontam semelhanças:

O lixo pelos cantos e arredores dos casebres acumulam-se; as moscas pousavam nele e esvoaçavam acto contínuo, para pousarem e novo (RAMOS, 1990, p.69).

As moscas nunca a deixavam dormir de manhã... Nesse quintal pocilgoso nha Luzia fritava olho-largo e pastéis de alvacora em fogareiros feitos de latas de petróleo, despejava a água da lavagem das louças e amontoava a um canto o lixo que os fregueses faziam no botequim. Bem esse lixo costumava ficar esquecido por muitos e muitos dias, ganhando camadas, chegando a encarrapatar-se no chão térreo... (AMARÍLIS, 1974, p.50)

As singularidades do cotidiano feminino em Cabo Verde resultam de marcas profundas adquiridas pelos que escolheram ficar na ilha para vegetar, ou como diz Santilli em *Estórias Africanas*, "se ouvirem a voz das origens, quase sempre se sujeitam a ficar... com riscos mais eminentes de palmilharem o caminho dos miseráveis, ou até dos suplicantes da esmola estrangeira" (SATILLI, 1985, p.27) e também por aqueles que partiram "marcados pela identidade étnica que consequentemente lhe traria ônus da discriminação social" (idem, p. 27).

Portanto, a análise dos dois contos permite afirmar que o estudo do cotidiano, por meio das descrições das personagens, do seu ambiente e das referências culturais, possibilita delinear os traços da cultura, sendo mais uma vez comprovado que os papéis representados pelo sujeito na sociedade influenciam e determinam seu futuro. De fato, como afirma Dias (1994, p.381), "olhar para a apreensão das diferenças, para exercício de documentação das especificidades dos papéis femininos, propicia no sentido de desvendar, no quotidiano das sociedades contemporâneas [...] os papéis sociais alternativos [...] de modo a desvendar possibilidades futuras de eventuais mudanças na representação estereotipada das relações de gênero".



### Referências bibliográficas

ABDALA JR., Benjamim. *Literatura, História, política*. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. Orlanda Amarílis, literatura de migrante. In. *Revista Via Atlântica*, nº 2, São Paulo, julho/1999.

AMARÍLIS, Orlanda. *Cais-do Sodré te Salamansa*. Coimbra, Centelha, 1974.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. In.: *Estudos feministas*, UFRJ/CIEC, 2º sem. 1994, pp. 373-382.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial; UNEMAT; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

PROENÇA, Carlos Sangreman. A exclusão social em Cabo Verde Uma Abordagem Preliminar. In: *CESA - Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa*. nº 76, Lisboa, 2009 - [http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/cesa\\_doc\\_trab76.pdf](http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/cesa_doc_trab76.pdf) - acesso em 22-06-09.

RAMOS, Ivone Aída Fernandes. *Vidas vividas*. Mindelo: OMCV, 1990.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Africanidade*. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. *Estórias africanas - História & Antologia*. São Paulo: Ática, 1985.